



ONDE A ARGILA ENCONTRA O HOMEM

Samuel Antonio Silva do Rosário

Instituto Federal do Pará - Campus Marabá Industrial

Carlos Aldemir Farias da Silva

Universidade Federal do Pará

submissão: 05.06.2020 aprovação: 18.10.2022

Este ensaio visual faz parte de uma pesquisa de doutoramento em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará. O tema central circunda o ensino de Ciências, em especial, a Física, por meio do processo de fabricação de peças artesanais em argila na comunidade Vila-Que-Era localizada no espaço rural do município de Bragança, estado do Pará, às margens do rio Caeté, distante aproximadamente 8 km do centro da cidade, à esquerda da rodovia BR-308. A referida comunidade faz parte da história de fundação do município e segundo a história oficial, e também a narrativa contada pelos moradores, foi naquele espaço que teve origem a cidade de Bragança. Por esse motivo, a comunidade ficou conhecida como Vila-Que-Era-Bragança (Loureiro 1987).

A prática de manusear a argila enquanto matéria-prima para confeccionar artefatos utilitários é encontrada em diversas sociedades humanas ao longo dos séculos. Tal prática faz parte da história de distintos povos e guarda saberes sobre o contexto no qual o conhecimento foi gerado e repassado de forma prática por meio dos

gestos aprendidos. Suas variadas formas e cores mostram as diversas aplicações e significados para cada grupo sociocultural que faz uso desse conhecimento. Nesse sentido, o processo de preparação de peças de cerâmica envolve saberes da tradição¹, transmitidos por meio da oralidade e da observação pelas comunidades.

A produção da cerâmica da comunidade Vila-Que-Era é realizada pela família Furtado e que para o desenvolvimento desse ofício utiliza diversos saberes. Alguns foram transmitidos pelas antigas gerações a partir de suas práticas diárias e outros saberes foram sendo incorporados a partir das experimentações dos ceramistas mais jovens que dão continuidade ao ofício.

Este ensaio visual² apresenta uma pesquisa de campo realizada junto ao ceramista Josias Furtado, colaborador da pesquisa. Ele ressalta a importância de conhecer o rio e suas margens para poder extrair a matéria-prima, pois para ele “a melhor argila se encontra do outro lado do rio, nas margens aonde ninguém vai”³. Dessa forma, a viagem começa no pequeno porto da comunidade Vila-Que-Era com destino à margem não habitada

¹Almeida (2010) afirma que diferentemente do senso comum, os “saberes da tradição” arquitetam compreensões com base em métodos sistemáticos, experiências controladas e sistematizações reorganizadas de forma contínua. Para Bastos (2013), esses saberes representam a manifestação de um conhecimento que não está escrito nos livros.

²Os registros fotográficos foram realizados pelo primeiro autor deste ensaio. A ação de fotografar nesta pesquisa apoia-se em Collier Jr. e Collier (1990), quando tratam do conceito de fotografia como método de pesquisa. Para os autores, a câmera deve ser empregada na pesquisa como um auxílio à observação, uma vez que a cultura contemporânea fez com que nos tornássemos observadores pobres e “a fragmentação da vida moderna torna difícil responder à visão por inteiro” (Collier Jr. & Collier 1990: 5, tradução nossa).

³Josias Furtado (Entrevista em julho de 2019).

do rio Caeté, passando pela escolha do local de retirada da argila: a que apresenta melhor qualidade e contemplando um momento de agradecimento a um ser encantado, denominado por Josias de “Mãe do barro”⁴, entidade que “ajuda no sucesso de cada peça e faz a argila renascer”.

REFERÊNCIAS

Almeida, Maria da Conceição de. 2010. *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição*. São Paulo: Ed. Livraria da Física. (Col. Contextos da Ciência).

Bastos, Sandra Nazaré Dias. 2013. Etnociências na sala de aula: uma possibilidade para aprendizagem significativa, in *Anais do XI Congresso Nacional de Educação*. Curitiba, pp. 6192-6202.

Collier, John Jr., Collier, Malcom. 1990. *Visual anthropology: photography as a research method*. 3. ed. Albuquerque: University of New México Press.

Loureiro, João de Jesus Paes et al. 1987. *Turismo - Inventário Cultural e Turístico da Bragantina*. 2. ed. Belém: Instituto de Desenvolvimento Econômico Social do Pará.

¹Segundo Josias, para que a argila nunca falte e se renove na natureza é necessário deixar um agradecimento ao ser chamado de “Mãe do barro” pelos ceramistas da comunidade, esse ser encantado ajuda não apenas na renovação da argila na região onde é realizada sua retirada, mas também garante a qualidade das peças dos ceramistas e os ajuda a encontrar as melhores argilas para seu ofício (Diário de campo, julho de 2019).



Foto: Samuel Rosario (2018)



Foto: Samuel Rosario (2018)



Foto: Samuel Rosario (2018)



Foto: Samuel Rosario (2018)



Foto: Samuel Rosario (2018)



Foto: Samuel Rosario (2018)



Foto: Samuel Rosario (2018)



Foto: Samuel Rosario (2018)



Foto: Samuel Rosario (2018)



Foto: Samuel Rosario (2018)